REVISTA EXITUS
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

10.24065/re.v16i1.3126
ARTIGO

‘MAS MARX NÃO DÁ CONTA DA SUBJETIVIDADE’: subjetividade e sociedade na obra marxiana

‘BUT MARX DOES NOT ACCOUNT THE SUBJECTIVITY’: subjectivity and society in the Marxian work

‘PERO MARX NO PUEDE EXPLICAR LA SUBJETIVIDAD’: subjetividad y sociedad en la obra marxiana

Caio Antunes[1] 0000-0002-8225-3831

[1] Docente Efetivo da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás - FEF/UFG – Goiânia, Goiás, Brasil, CEP 74001-970. E-mail: antunes_caio@ufg.br

RESUMO

O presente artigo objetiva debater a problemática da subjetividade humana tal como abordada estritamente na obra de Marx (e Engels). O embate teórico-político é comuns às ciências, em especial às humanidades, e o marxismo nasce já nele profundamente inserido. No interior deste processo, em que as críticas trocadas entre os sistemas teóricos variam em forma, conteúdo, abrangência e alcance, não apenas o marxismo, mas a própria formulação marxiana já esteve, desde seu surgimento na segunda metade do século XIX, envolto em muitas formas de embates. Surge, porém, em meio a esta torrente e no horizonte dos debates das últimas décadas, uma nova espécie de controvérsia: acusa-se Marx de (lá nos idos do século XIX) não ter abordado ou de não ser suficiente para enfrentar determinadas temáticas caras a algumas vertentes teóricas da virada do século XX para o século XXI. O problema é que parte significativa destas críticas desconhecem o alvo de seus ataques; cobram-lhe por não ter abordado diversos assuntos quando, em verdade, há, em sua obra, por vezes vasto e profundo debate sobre o tema em questão. Esse é o caso, por exemplo, da problemática da subjetividade humana. A partir de pesquisa bibliográfica constata-se há, ao longo da obra marxiana, um profundo debate acerca da subjetividade, bem como sobre a individualidade humana, ambas metodicamente articuladas à categoria trabalho.
Palavras-chave: subjetividade; individualidade; sociedade; trabalho; Karl Marx.

ABSTRACT

This article aims to discuss the problem of human subjectivity as strictly addressed in the work of Marx (and Engels). The theoretical-political debate is common to the sciences, especially the humanities, and Marxism was born already deeply embedded within it. Within this process, in which the criticisms exchanged between theoretical systems vary in form, content, scope, and reach, not only Marxism, but the Marxian formulation itself has been, since its emergence in the second half of the 19th century, involved in many forms of debate. However, amidst this torrent and on the horizon of debates in recent decades, a new kind of controversy arises: Marx is accused of not having addressed, or of not being sufficient to address (back in the 19th century) certain

themes dear to some theoretical currents of the turn of the 20th to the 21st century. The problem is that a significant part of these criticisms ignores the target of their attacks; they criticize Marx for not having addressed various issues when, in truth, his work contains sometimes vast and profound debate on the subject in question. This is the case, for example, with the problem of human subjectivity. It is observed, from bibliographic research, that tthroughout Marx's work, there is a profound debate about subjectivity, as well as about human individuality, both methodically articulated with the category of work.
Keywords: subjectivity; individuality; society; work; Karl Marx.

RESUMEN

Este artículo pretende analizar el problema de la subjetividad humana tal como lo abordaron estrictamente en la obra de Marx (y Engels). El debate teórico-político es común a las ciencias, especialmente a las humanidades, y el marxismo nació profundamente arraigado en él. Dentro de este proceso, en el que las críticas intercambiadas entre sistemas teóricos varían en forma, contenido, alcance y repercusión, no solo el marxismo, sino la propia formulación marxista, ha estado involucrada, desde su aparición en la segunda mitad del siglo XIX, en múltiples formas de debate. Sin embargo, en medio de este torrente y en el horizonte de los debates de las últimas décadas, surge un nuevo tipo de controversia: se acusa a Marx de no haber abordado, o de no haber abordado suficientemente para enfrentar (allá por el siglo XIX) ciertos temas importantes para algunas corrientes teóricas de finales del siglo XX y principios del XXI. El problema radica en que una parte significativa de estas críticas ignora el objetivo de sus ataques; lo critican por no haber abordado diversas cuestiones cuando, en realidad, su obra a veces contiene un debate amplio y profundo sobre el tema en cuestión. Este es el caso, por ejemplo, del problema de la subjetividad humana. Con base en la investigación bibliográfica, se observa que, a lo largo de la obra de Marx, se desarrolla un profundo debate sobre la subjetividad, así como sobre la individualidad humana, ambos articulados metódicamente con la categoría de trabajo.
Palabras clave: subjetividad; individualidad; sociedad; trabajo; Karl Marx

o ser humano é por natureza um animal social

Aristóteles

o ser humano não é apenas ser natural, mas ser natural humano

Marx[1]

INTRODUÇÃO

Divergências, querelas e quezílias marcaram a história do pensamento ocidental. Até hoje o fazem. Mesmo assumindo as mais diversas formas (sutis, mordazes, contundentes,

[1] As formas típicas de aparecimento (também em edições de língua portuguesa) dos dois trechos trazidos como epígrafes são, respectivamente: "o homem é por natureza um animal social" (Aristóteles, 2022, p. 15), ou "o homem é, por natureza, um ser vivo político" (Aristóteles, 1998, p. 53) e "o homem não é apenas ser natural, mas ser natural *humano*" (Marx, 2004, p. 128, grifo do autor), ou "o homem (...) é não apenas ser da natureza, mas ser da natureza *humano*" (Marx, 2015, p. 377, grifo do autor). O que consta nos originais é, contudo, diferente. Em grego: "*ó ἄνθρωπος φύσει πολιτικὸν ζῷον*" [translitarado: '*o ánthropos fýsei politikón zóon'*] (Aristóteles, 1998, p. 53). '*Ó ἄνθρωπος*' [translitarado: '*o ánthropos*'] não se refere ao gênero masculino (para este o termo seria '*o ἀνήρ*' [translitarado: '*anēr*' – o homem], mas ao gênero neutro, com tradução aproximada ao português por 'a pessoa', ou 'o ser humano'. E em alemão: "*der Mensch ist nicht nur Naturwesen, sondern er ist* menschliches *Naturwesen*" (Marx, 2025, p.138-9, grifo do autor). Do mesmo modo, '*der Mensch*' não se refere ao gênero masculino (para este o termo seria '*der Mann*' – o homem], mas ao gênero neutro, com tradução aproximada ao português por 'a pessoa', ou 'o ser humano'. Optou-se, para as epígrafes, por uma tradução fiel aos textos em suas versões originais.

levianas, superficiais, agudas, fraternas, irônicas, etc.), tiveram sempre por sustentação, todas, de forma ora mais, ora menos aparente (ou mesmo consciente), um fundamento político, aqui tomado em seu sentido amplo[2].

A própria formulação marxiana nasce como uma destas disputas. Ao articular-se como crítica radical e perspectiva transformadora do sistema de metabolismo social do capital[3], a obra de Marx *e* Engels situa-se no âmago de um dos enfrentamentos (de ordem política) mais profundos: aquele acerca dos fundamentos da construção de uma forma de vida e sociabilidade alternativa ao capital.

Não apenas nasce, deste modo, o marxismo já com muito inimigos (extra *e* intraclasse[4]), como também angaria mais uns tantos com o passar dos tempos. A máxima que dá título a este artigo é apenas um dos exemplos, mais contemporâneos, do certame. Recorrente e com muitas variantes[5], este tipo de crítica, no mais das vezes, por desconhecimento ou maledicência, incorre naquilo que se convencionou chamar de 'falácia do espantalho'[6]. Isto pois, ainda que a ela não tenha dado centralidade, Marx tratou sim, ora mais, ora menos explicitamente, da problemática da subjetividade[7] – e o fez em diversas obras. Por conseguinte, objetivo deste artigo é apresentar o debate sobre a problemática da subjetividade humana, tal qual tratada na formulação marxiana (apenas por Marx e Engels)[8].

[2] Sobre a noção ampla de fundamento político da crítica, ver, por exemplo, Marx e Engels (2023) e Mészáros (2022).
[3] De forma portanto muito mais ampla e profunda do que somente uma crítica ao modo de produção capitalista. Sobre isso, ver Mészáros (2002).
[4] Trata-se, aqui, de indicar posições antagônicas ao marxismo tanto em vertentes abertamente alinhadas ao interesse burguês (como as liberais, neoliberais, neofascistas, etc. – os inimigos 'extra-classe'), quanto em vertentes alinhadas ao próprio interesse da classe trabalhadora (como as anarquistas, as pós-modernas, etc. – os inimigos 'intra-classe').
[5] 'O marxismo não dá conta das questões de gênero', 'o marxismo não explica as questões raciais', o marxismo não dá conta das comunidades autóctones', 'o marxismo não explica...', 'o marxismo não dá conta...'. Tal ordem de disputas, no campo da educação e da história pode ser vista em Saviani (2025) e Sanfelice (2016).
[6] 'Falácia do espantalho' é uma forma de buscar refutar um dado argumento enfrentando de fato outro, diferente daquele em discussão. Um dos lados da disputa altera partes substanciais ou a totalidade do argumento em debate; sem reconhecer ou admitir o subterfúgio, substitui-o por uma versão distorcida e que portanto não representa o que está sendo efetivamente enfrentado; por fim 'facilmente' ataca e refuta, ou 'destrói' o argumento adversário (na verdade apenas dele um espantalho), 'vencendo' assim a disputa (Solanas, 2011; Walton, 2012).
[7] O mesmo pode ser dito com relação a debates acerca de questões de gênero (Krader, 1974; Engels, 2022), de questões de raça (Marx; Engels, 2022), ou mesmo em relação a comunidades autóctones (Marx, 2025). Claro, porém, que Marx não tratou tais temáticas da exata forma como se faz ou deseja que se faça hoje (por exemplo aos gostos pós-modernos e/ou identitários). Exigir-lhe isso seria no mínimo curioso...
[8] É imenso debate, nacional e internacional, sobre marxismo e subjetividade (por exemplo: Antunes, 2025; Alves, 2011; Lukács, 2023; Mészáros, 2022, Vigotski, 2001, dentre muito, muitos outros). Ele não será aqui abordado por uma questão de recorte.

TRABALHO E SUBJETIVIDADE

Ainda que insuficiente para fornecer uma definição adequada, não deixa de ser sem dúvida verdadeira a máxima segundo a qual o ser humano é um ser natural. Tal afirmação, contudo, implica necessariamente que o ser humano seja parte da natureza e com ela de alguma forma se relacione de modo a garantir a possibilidade de sua existência. Porém, como uma parte da natureza, portanto algo específico, este ser é essencialmente dotado de características e condições capazes de garantir sua sobrevivência, bem como de necessidades específicas, postas justamente por sua condição de ser natural.

Entretanto – e aprofundando o debate em relação à segunda epígrafe aqui trazida –, o ser humano

> não é apenas ser natural, mas ser natural *humano*, isto é, ser existente para si mesmo (*für sich selbst seiendes Wesen*) (...). Consequentemente, nem os objetos *humanos* são os objetos naturais assim como estes se oferecem imediatamente, nem o *sentido humano*, tal como *é* imediata e objetivamente, é sensibilidade *humana*, objetividade humana. A natureza não está, nem objetiva nem subjetivamente, imediatamente disponível ao ser *humano* de modo adequado (Marx, 2004, p. 128, grifos do autor).

Isso implica que o ser humano precisa estabelecer uma ordem específica de relação com a natureza circundante e nela efetivar certas transformações de forma a adequá-la às suas necessidades não mais imediatamente naturais, mas já tornadas humanas. Esta "atividade produtiva especial, direcionada a um fim, que adapta matérias naturais específicas a necessidades humanas específicas" (Marx, 2013, p. 120) é o *trabalho*.

Trabalho é uma relação de mediação que se estabelece entre ser humano e natureza e na qual o ser humano, por sua ação, transforma a natureza com vistas a produzir um objeto útil, isto é, um produto capaz de satisfazer dada necessidade humana. Ou segundo as clássicas palavras de Marx,

> O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para a sua vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos (Marx, 2013, p. 255).

Mas Marx ainda firma, na sequência da citação, que, "Agindo assim sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, *ele* [o ser humano] *modifica, ao mesmo*

tempo, sua própria natureza (Marx, 2013, p. 255, grifos meus). É justamente o trabalho que faz desta parte específica da natureza algo novo, pois, o ser humano "cria, assenta apenas objetos [isto é, trabalha], porque ele é assentado mediante esses objetos" (Marx, 2004 p. 127) e, ao mesmo tempo em que trabalha, o próprio ser humano se humaniza, se torna um ser cada vez mais humano. Eis os dois elementos constitutivos absolutamente fundamentais do processo de humanização dos seres humanos tornado possível a partir do trabalho: gênese e desenvolvimento; origem e continuidade; ontologia e história.

O trabalho transforma a natureza; desta transformação resulta algo novo; algo não anteriormente existente, não puramente natural; do trabalho resulta algo natural humanamente transformado. Do trabalho resulta um produto *humano*, seja este produto dado na forma de um objeto útil, algo que satisfaça uma necessidade humana, seja este produto o próprio ser humano.

Este processo é de tal modo profundo que Marx chega mesmo a afirmar que o trabalho engendra o "ser-por-si-mesmo (*Durchsichselbstsein*) da natureza e do homem" (Marx, 2004, p. 113), ou é "ato de gênese que se suprassume" (Marx, 2004, p. 128), no sentido de que o ser humano deve a si próprio – ao seu trabalho, à sua capacidade de trabalhar – o seu surgimento. Em outras palavras: uma parte da natureza, por meio do trabalho, suprassume sua condição imediatamente natural e dá origem a uma nova espécie de ser: o ser social[9].

O ser humano é natureza suprassumida exatamente porque traz, em sua transformação em ser humano por intermédio de seu trabalho, uma negação de sua condição imediatamente natural e, ao mesmo tempo, uma passagem, afirmativa, a uma outra condição: a condição de ser humano. E é o trabalho que garante a suprassução das partes da natureza envolvidas porque pelo trabalho transformam-se tanto a natureza circundante quanto o próprio ser humano que trabalha.

Entende-se ser este o sentido da seguinte difícil passagem marxiana:

> O trabalho, assim materializando-se no objeto de trabalho, enforma [*Formiert*] o próprio objeto de trabalho e gasta, consome o meio de trabalho[10] como seu órgão. O trabalho passa da forma [*Form*] da atividade à

[9] Cabe enfatizar que "o suprassumir (...) é ao mesmo tempo um *negar e* um *conservar*" (Hegel, 2008, p. 96, grifos do autor), ou, nas palavras de Marx, que "um papel peculiar desempenha, por isso, o *suprassumir* (*das Aufheben*), onde a negação e a conservação, a afirmação (*Bejahung*), estão ligadas" (Marx, 2004, p. 130, grifo do autor).

[10] "Os momentos simples do processo de trabalho são, em primeiro lugar, a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; em segundo lugar, seu objeto e, em terceiro, seus meios" (Marx, 2013, p. 256). Objeto de trabalho é tudo aquilo em que determinado trabalho se aplica – "A terra (que, do ponto de vista econômico, também inclui a água), que é para o homem uma fonte originária de provisões, de meios de subsistência prontos1, preexiste, independentemente de sua

> forma do ser, do objeto. Como modificação do objeto, ele modifica sua própria forma [*Gestalt*]. A atividade enformadora consome [*Verzehrt*] o objeto e a si mesma; ela enforma e se materializa; consome a si mesma em sua forma subjetiva como atividade e consome o caráter objetivo do objeto, quer dizer, suprime a indiferença deste último quanto à finalidade do trabalho (Marx, 2010, p. 72-3).

Todo este processo de dever a si próprio e à sua capacidade de trabalhar seu surgimento tem implicações muito profundas (e fecundas), pois permite explicar ainda o processo, de complexificação, de humanização dos seres humanos. Por exemplo:

> Assim, a mão não é só o órgão do trabalho, *ela é também o produto dele*. Só através do trabalho, através da adaptação a operações sempre novas, através da transmissão hereditária do formato específico adquirido nesse processo, dos músculos, dos tendões e, em períodos mais longos, também dos ossos, e através da aplicação sempre renovada desse refinamento herdado a novas operações cada vez mais complexas, a mão humana atingiu o alto grau de perfeição que lhe permitiu tirar da cartola os quadros de Rafael, as estátuas de Thorvaldsen, a música de Paganini (Engels, 2023, p. 340, grifos do autor).

Tem-se a potente dialética do trabalho desenvolvida por Marx: aquela segundo a qual o ser humano é um resultado do processo de transformação da natureza ao mesmo tempo em que é agente fundamental deste processo. Impulsionado por suas necessidades, o ser humano transforma a natureza externa a fim de criar um produto que venha satisfazer aquela necessidade. Porém, conforme já indicado, por intermédio de sua ação (uma combinação de sua vontade e seu ato), com "seus braços e pernas, cabeça e mãos" (Marx, 2013, p. 255), o ser humano produz mais do que apenas um simples objeto.

Ao produzir o objeto e ao ser, ao mesmo tempo, produzido como ser humano ao produzir o objeto, o ser humano defronta-se com algo tornado objetivo não mais imediatamente natural, mas produzido a partir da natureza, mediado pelo trabalho. Ao trabalhar o ser humano se defronta com a natureza humanizada.

Marx afirma que "todos os objetos [de seu trabalho] tornam-se [a] *objetivação* de si mesmo para ele, objetos que realizam e confirmam sua individualidade enquanto objetos *seus*, isto é, *ele mesmo* torna-se objeto" (Marx, 2004, p. 110, grifos do autor). Na busca por alcançar a satisfação de suas necessidades, o ser humano acaba por exteriorizar sua própria necessidade (na forma de um objeto humano que a satisfará).

interferência, como objeto universal do trabalho humano" (Marx, 2013, p. 256). "O meio de trabalho é uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador interpõe entre si e o objeto do trabalho e que lhe serve de guia de sua atividade sobre esse objeto" (Marx, 2013, p. 256).

Ao produzir, o ser humano externa a sua própria vida, põe a si próprio na forma de objeto, objetiva sua *subjetividade*, engendra a sua *individualidade*. Ao objetivar a si próprio no produto de seu trabalho, o ser humano defronta-se consigo próprio na forma de um objeto externo a si e diferente de si e, ao assim proceder, acaba por estabelecer uma relação fundamental para todo o processo social de sua formação humana – tanto objetiva quanto subjetivamente, individual quanto coletiva e socialmente.

"Tão logo eu tenha um objeto, este objeto tem a mim como objeto" (Marx, 2004, p. 128), diz Marx. Aquela relação inicial entre partes da natureza – uma parte específica da natureza, o ser humano, e aquela porção determinada da natureza na qual seu trabalho se aplica, o objeto de trabalho – torna-se agora uma relação entre partes *humanizadas* da natureza. Não se trata de relação coisal, imediata, entre puras coisidades orgânicas e/ou inorgânicas, mas sim de uma relação *mediada* entre produtos *humanos* do trabalho. Isto pois "eu só posso, em termos práticos, relacionar-me humanamente com a coisa [o objeto do trabalho] se a coisa se relaciona humanamente com o homem" (Marx, 2004, p. 109). Deste modo, se, "por meio de sua atividade, altera as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil" (Marx, 2013, p. 146), o ser humano, ao relacionar-se com o produto do seu trabalho, estabelece uma relação livre, humana plena consigo próprio na forma de objeto.

Contudo, se o trabalho parte de uma necessidade para operar na natureza uma transformação, ou seja, é "atividade orientada a um fim (...), apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas" (Marx, 2013, p. 261), tem-se que é exatamente a especificidade da necessidade que dá origem ao e orienta todo o ato laborativo – "o primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades" (Marx; Engels, 2007, p. 33).

Acontece que a própria satisfação da necessidade que deu origem e orientou o processo de trabalho é aspecto constituinte ineliminável do processo de reprodução da vida social. Ou seja, "a satisfação dessa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades – e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro ato histórico" (Marx; Engels, 2007, p. 33)[11].

[11] O processo de trabalho que dá início à história humana, a criação das condições de satisfação das necessidades já tornadas humanas e o engendramento de novas necessidades mais complexas constituem um só e mesmo processo de trabalho, e, portanto, também um só e mesmo "primeiro ato histórico". A contradição entre o que configura este "primeiro ato histórico" nos dois trechos acima citados é apenas aparente.

A partir destas últimas indicações, torna-se claro que não se pode de forma alguma excluir do processo de trabalho as esferas tanto da produção quanto do consumo do objeto. O trabalho torna possível ao ser humano seu surgimento e sua reprodução histórico-naturais, de forma que sem o trabalho, o ser humano não pode existir *humanamente*. Mas a necessidade natural e humanamente estabelecida deita seus limites e sua satisfação diária e diuturna se efetiva por meio da esfera do consumo – "tal como nos primeiros dias de sua aparição sobre o palco da Terra, o homem tem de consumir a cada dia, tanto antes como no decorrer de seu ato de produção" (Marx, 2013, p. 243). Sobre isto diz Marx:

> a produção é imediatamente consumo e o consumo é imediatamente produção. Cada um é imediatamente seu contrário. Mas tem lugar simultaneamente um movimento mediador entre ambos. A produção medeia o consumo, cujo material cria, consumo sem o qual faltaria-lhe o objeto. Mas o consumo também medeia a produção ao criar para os produtos o sujeito para o qual são produtos. Somente no consumo o produto recebe o seu último acabamento (...). Sem produção, nenhum consumo; mas, também, sem consumo, nenhuma produção, pois nesse caso a produção seria inútil. O consumo produz a produção duplamente: 1) na medida em que apenas no consumo o produto devém efetivamente produto (...). O consumo dá o golpe de misericórdia no produto quando o dissolve; porque o produto é a produção não só como atividade coisificada, mas também como objeto para o sujeito ativo; 2) na medida em que o consumo cria a necessidade de nova produção, é assim o fundamento ideal internamente impulsor da produção, que é o seu pressuposto. O consumo cria o estímulo da produção; cria também o objeto que funciona na produção como determinante da finalidade (Marx, 2011, p. 46).

No interior do processo de produção e reprodução de sua vida material e simbólica dos seres humanos, as próprias necessidades sofrem refinamentos e complexificações e tais novas necessidades (mais complexas) se voltam novamente, como novos *pontos de partida*, para outros processos de trabalho, mais refinados e complexos, cujas finalidades passam a ser a satisfação dessa nova ordem de necessidades. Assim, tanto as esferas da produção quanto a do consumo – dialeticamente articuladas no interior deste complexo – se refinam, complexificam; numa palavra: se *humanizam* – "a produção é consumo; o consumo é produção. Produção consumptiva. Consumo produtivo" (Marx, 2011, p. 47).

Entretanto, dentro desta relação mutuamente determinante e engendradora (entre as esferas da produção e do consumo) há aquela que em *última instância* é decisiva. Marx vai chamar essa preponderância de "momento predominante".

> Se produção e consumo são considerados como atividades de um sujeito ou de muitos indivíduos, ambos aparecem em todo caso como momentos de um processo no qual a produção é o ponto de partida efetivo, e, por isso, também o momento predominante [*übergreifende Moment*]. O próprio consumo, como carência vital, como necessidade, é um momento interno da atividade produtiva. Mas esta última é o ponto de partida da realização e, por essa razão, também seu momento predominante, o ato em que todo o processo transcorre novamente. O indivíduo produz um objeto e retorna a si ao consumi-lo, mas como indivíduo produtivo e que se autorreproduz. O consumo aparece, assim, como momento da produção (Marx, 2011, p. 49).

É no movimento da relação de produção para consumo e do consumo para produção (cada esfera dialeticamente sustentando e conduzindo a outra) que o ser humano se constitui objetiva e subjetivamente, individual e socialmente como ser humano. E este processo de constituição histórica de sua humanidade ocorre na medida em que "a objetivação da essência humana, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, é necessária tanto para fazer *humanos* os *sentidos* do homem quanto para criar *sentido humano* correspondente à riqueza inteira do ser humano e natural" (Marx, 2004, p. 110-1, grifos do autor).

Cabe aqui a ênfase de que não importa o tipo ou natureza das necessidades, "se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação" (Marx, 2013, p. 113), tampouco a natureza dos produtos do trabalho que as satisfarão, se "para a fruição e para a digestão" (Marx, 2004, p. 84). Todos os produtos de seus processos de trabalho, de arte a alimento, de moradia à filosofia – aquilo que Marx chama de "riqueza" (Marx, 2013, p. 113) – são o que garantirá aos seres humanos a manutenção física e espiritual ou, numa palavra, a reprodução *humana* de suas vidas[12].

Já é possível melhor apreender a afirmação marxiana segundo a qual "o sentido *humano*, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do *seu* objeto, pela natureza *humanizada*" (Marx, 2004, p. 110, grifos do autor). Isto indica que é no, pelo, para e com o trabalho que o ser humano se *forma* enquanto tal e cria um "*sentido humano*" correspondente ao mundo que humanamente engendra. Em síntese, o trabalho *forma*.

> A necessidade que o consumo sente do objeto é criada pela própria percepção do objeto. O objeto de arte – *como qualquer outro produto* – cria um público capaz de apreciar a arte e de sentir prazer com a beleza. A *produção*, por conseguinte, *produz não somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto* (Marx, 2011, p. 47, grifos meus).

[12] Não é, de modo algum, desconhecida a distinção marxiana acerca do trabalho material e não material (Marx, 2022). Entretanto, uma vez que a preocupação aqui é o processo de formação da subjetividade dos seres humanos, a materialidade ou não do produto do trabalho, bem como que ordem de necessidade humana ele satisfaz, é de importância secundária.

Importa ressaltar que a centralidade da análise reside, metódica *e* metodologicamente, na esfera das relações. Isso, porém, não elimina a existência, função e importância específica de seus polos constitutivos (tampouco de um 'momento predominante'), seja nas relações entre ser humano e natureza, deste com o produto de seu trabalho, entre as esferas da produção e da fruição, ou mesmo na sua relação com outros seres humanos.

Merece atenção especial este último aspecto destacado, uma vez que "a atividade em imediata sociedade com outros etc., tornou-se um órgão da minha *externação de vida* e um modo da apropriação da vida *humana*" (Marx, 2004, p. 109, grifos do autor). Deste modo, a individualidade do ser humano se afirma apenas socialmente, e sua socialidade se afirma apenas individualmente.

INDIVÍDUO E SOCIEDADE

O processo de transformação da natureza guarda em si um aspecto necessariamente individual, ou, de acordo com Marx, "a história social dos homens é sempre a história do seu desenvolvimento individual, tenham ou não consciência desse fato" (Marx, 2009, p. 245). Isto porque as relações que os seres humanos estabelecem com a natureza "nada mais são que as formas necessárias nas quais se realiza a sua atividade material e individual" (Marx, 2009, p. 245), ou ainda em outra obra: "a minha individualidade particular, a minha vida individual, (...) [é] afirmada pelo trabalho" (Marx, 2015, p. 222).

Porém, este processo também engendra o outro ser humano como ser *humano*, uma vez que, por intermédio de sua atividade produtiva, sem a qual não pode manter-se humanamente vivo,

> o homem produz o homem, a si mesmo e ao outro homem; assim como [produz] o objeto, que é o acionamento (*Betätigung*) imediato da sua individualidade e ao mesmo tempo a sua própria existência para o outro homem, [para] a existência deste, e a existência deste para ele (Marx, 2004, p. 106).

No interior do processo social de produção, "toda produção é apropriação da natureza pelo indivíduo" (Marx, 2011, p. 43). Isso implica que o indivíduo, ao trabalhar, produz não apenas a si próprio como ser humano, mas produz também o outro ser humano e sua humanidade e, ao assim proceder, produz a própria necessidade da relação entre os seres

humanos. E não se trata aqui daquela forma de relação exclusivamente restrita ao mínimo de cooperação exigida em determinados tipos de trabalho, mas, sobretudo, daquela forma relacionada ao fato de que apenas socialmente o ser humano se pode efetivar como indivíduo[13].

Este debate – acerca da criação do ser humano e de sua individualidade, do outro ser humano e da necessidade de relação entre eles – é de fundamental importância na formulação marxiana, pois se, por um lado, "a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes" (Marx; Engels, 2023, p. 40), ou "moveu-se em antagonismos de classe" (Marx; Engels, 2023, p. 57), por outro, esta classe não é um ente mítico que se move por si.

Sobre este aspecto, Marx aponta que "o trabalho é a própria atividade do trabalhador, a realização de sua própria capacidade de trabalho vivo" (Marx, 2010, p. 68). Assim, todo "trabalho efetivo é atividade segundo um fim para a produção de um valor de uso, para a apropriação de uma matéria natural de uma maneira correspondente a necessidades determinadas" (Marx, 2010, p. 68). E sua conclusão do argumento é incisiva: "todo trabalho efetivo é um trabalho *particular*" (Marx, 2010, p. 68, grifo do autor).

Esta discussão implica que "classes, por sua vez, são uma palavra vazia se desconheço os elementos nos quais se baseiam" (Marx, 2011, p. 54), ou seja, a própria classe é uma abstração se se desconsidera seu aspecto celular mais concreto: os homens e mulheres que, como indivíduos, a compõem.

Uma vez mais se evidencia a relação que se estabelece entre indivíduo e sociedade, ou mesmo entre objetividade e subjetividade – "desde sempre os homens, na medida em que existem, têm necessidade uns dos outros e só puderam desenvolver suas necessidades e capacidades estabelecendo relações entre si" (Marx; Engels, 2007, p. 79). Ou ainda em outras palavras:

[13] "Suponhamos que produzíssemos como seres humanos – cada um de nós haveria se afirmado duplamente na sua produção: a si mesmo e ao outro. 1º) Na minha produção, eu realizaria minha individualidade, a particularidade; experimentaria, trabalhando, o gozo de uma manifestação individual da minha vida e, contemplando o objeto, a alegria individual de reconhecer a minha personalidade como um poder real, concretamente sensível e indubitável. 2º) No teu gozo ou na tua utilização do meu produto, eu desfrutaria da alegria espiritual imediata, através do meu trabalho, de satisfazer uma necessidade humana, de realizar a essência humana e oferecer à necessidade de outro seu objeto. 3º) Eu teria a consciência de servir como mediador entre você e o gênero humano, de ser reconhecido por ti como um complemento do teu próprio ser e como uma parte necessária de ti mesmo, de ser aceito em teu espírito e em teu amor. 4º) Eu teria, em minhas manifestações individuais, a alegria de criar a manifestação da tua vida, ou seja, de realizar e afirmar, na minha atividade individual, a minha verdadeira essência humana, a minha sociabilidade humana [*Gemeimwesen*]" (Marx, 2015, p. 221-2).

> a vida individual e a vida genérica do homem não são *diversas*, por mais que também – e isto necessariamente – o modo de existência da vida individual seja um modo mais *particular* ou mais *universal* da vida genérica, ou quanto mais a vida genérica seja uma vida individual mais *particular* ou *universal* (Marx, 2004, p. 107, grifos do autor).

Mesmo no interior dos processos de trabalho mais estritamente solitários e individuais, a relação com outros seres humanos torna-se uma necessidade para o ser humano – e isso é, sem dúvida, uma necessidade refinada, humanizada. Apenas em sociedade com outros é que é possível ao ser humano a sua "*externação de vida*" plena, pois "a *sociedade* é a unidade essencial completada (*vollendete*) do homem com a natureza, a verdadeira ressurreição da natureza, o naturalismo realizado do homem e o humanismo da natureza levado a efeito" (Marx, 2004, p. 107, grifos do autor).

Apenas em sociedade – que é somente possível a partir e no interior do trabalho – é que o ser humano pode desenvolver-se plena e livremente e que o "devir da natureza até ao homem" (Marx, 2004, p. 112) e sua continuidade (potencialmente imprevisível) se colocam efetivamente como possibilidade. Eis porque Marx afirma, retomando o velho e grande Aristóteles – e aqui adensa-se a primeira das epigrafes trazida para este artigo –, que "o ser humano é, no sentido mais literal, um '*zoon politikón*', não apenas um animal social, mas também um animal que somente pode isolar-se em sociedade" (Marx, 2011, p. 40).

Há aspectos indubitavelmente individuais nos processos de trabalho, na medida em que são homens e mulheres individual e concretamente existentes que levam a cabo, diária e diuturnamente, relações de mediação com a natureza a fim de gerar objetos para a satisfação de suas necessidades. Mas há também, por outro, o inegável aspecto, mais do que apenas coletivo, *social* do trabalho.

Não existe, desta forma, em Marx, separação entre indivíduo e sociedade, nem entre objetividade e subjetividade. Para Marx, não há dissociação possível entre estas esferas na medida em que, engendradas pelo trabalho ao mesmo tempo em que o engendram, elas não só se interpenetram, como também mutuamente se determinam: "o caráter *social* é o caráter universal de todo o movimento; *assim como* a sociedade mesma produz o *homem* enquanto *homem*, assim ela é *produzida* por meio dele" (Marx, 2004, p. 106, grifos do autor)[14]. E isto porque

[14] Diria Mészáros: "o 'determinante último', também é o 'determinante determinado'" (Mészáros, 2022, p. 108).

> acima de tudo é preciso evitar fixar mais uma vez a "sociedade" como abstração frente ao indivíduo. O indivíduo *é* o *ser social*. Sua manifestação de vida – mesmo que ela também não apareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* de vida, realizada simultaneamente com outros – *é*, por isso, uma externação e confirmação da *vida social* (Marx, 2004, p. 107, grifos do autor).

O trabalho cria um objeto humano, cria natureza humanizada, cria o ser humano que trabalha, cria o outro ser humano e a necessidade deste outro ser humano por parte daquele – e naquele – que produz. Isto implica que não só se criam as relações sociais entre os seres humanos e a necessidade humana destas relações, mas se criam também articulações, conexões histórico-sociais (não necessariamente diretas e/ou lineares, mas dialéticas) entre os seres humanos e seus processos de trabalho. "Tão logo os homens trabalham uns para os outros de algum modo, seu trabalho também assume uma forma social" (Marx, 2013, p. 147).

Ao engendrar necessidades – e processos de trabalho correspondentes – cada vez mais humanamente elaboradas, a atividade vital dos seres humanos relaciona-se, articula-se, acumula-se, não somente ao longo da vida particular de cada ser humano determinado (o indivíduo que trabalha e morre), mas também de geração em geração (e de todas as gerações precedentes até a atual), criando, assim, uma história humana.

Se "quando se fala do trabalho, está-se tratando, imediatamente, do próprio homem" (Marx, 2004, p. 89), ao se falar da história humana, está-se falando, 'imediatamente', da história social do trabalho, de suas formas de realização ao longo das sucessivas gerações de seres humanos, desde aquele 'primeiro ato histórico' até os dias de hoje.

Por história do trabalho entende-se: a articulação histórica, direta e indireta, dos processos de trabalho individuais e coletivos, mas socialmente determinados e relacionados, que engendram a produção e reprodução da vida material e simbólica dos seres humanos ao longo da sucessão de gerações.

São esses processos de trabalho, direta e indiretamente relacionados, individual e socialmente articulados que criam a história da humanidade, que é tanto a história social de cada ser humano tomado individualmente, cuja humanidade (até o momento de seu nascimento acumulada) lhe é transmitida por profundos processos formativos, quanto a própria história da humanidade como um todo, em seus aspectos mais imediatamente práticos e espiritualmente mais mediados.

A história humana, cronologicamente a sucessão de gerações de seres humanos, mas, como processo, algo de modo algum linear, faz-se a partir de um acúmulo de processos de

trabalho socialmente articulados. E é secundário se tais processos são levados a cabo por indivíduos singulares, ou executadas em conjunto, ou coletivamente. Importa destacar que, mesmo no interior destas atividades conjuntas ou coletivas, há sempre indivíduos e que, de outro lado e de igual maneira, o próprio indivíduo traz toda a história humana em si condensada e corporificada.

> A atividade social e a fruição social de modo algum existem *unicamente* na forma de uma atividade *imediatamente* comunitária e de uma fruição imediatamente *comunitária*, ainda que a atividade *comunitária* e a fruição *comunitária*, isto é, a atividade e a fruição que imediatamente, em *sociedade efetiva* com outros homens, se externam e confirmam, efetuar-se-ão em toda parte onde aquela expressão *imediata* da sociabilidade (*Gesellschaftlichkeit*) se fundamente na essência do seu conteúdo e esteja conforme à sua natureza.Posto que também sou *cientificamente* ativo etc., uma atividade que raramente posso realizar em comunidade imediata com outros, então sou ativo *socialmente* porque [o sou] enquanto *homem*. Não apenas o material da minha atividade – como a própria língua na qual o pensador é ativo – me é dado como produto social, a minha *própria* existência *é* atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade, e com a consciência de mim como um ser social (Marx, 2004, p. 107, grifos do autor).

Entende-se ser este o fundamento da afirmação segundo a qual "a *formação* dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui" (Marx, 2004, p. 110, grifo do autor) – e por '*formação* dos cinco sentidos' pode-se compreender todo o processo de *formação* dos seres humanos e do "*sentido humano* correspondente" (Marx, 2004, p. 110-1, grifos do autor) a esta humanidade. Assim, cada nova geração de seres humanos herda (socialmente) toda a história do mundo até o momento de seu nascimento e a ela dá continuidade, a seu modo, ainda que dentro das bases e limites colocados por sua época e situação históricas concretas.

Assim, indivíduo e sociedade, subjetividade e objetividade são aspectos absolutamente inseparáveis, pois, nas palavras de Marx,

> a atividade (*Tätigkeit*) e a fruição, assim como o seu conteúdo, são também os *modos de existência* segundo a atividade *social* e a fruição *social*. A essência *humana* da natureza está, em primeiro lugar, para o homem *social*; pois é primeiro aqui que ela existe para ele na condição de *elo* com o *homem*, na condição de existência sua para o outro e do outro para ele; é primeiro aqui que ela existe como *fundamento* da sua própria existência *humana*, assim como também na condição de elemento vital da efetividade humana. É primeiro aqui que a sua existência *natural* se lhe tornou a sua

> existência *humana* e a natureza [se tornou] para ele o homem (Marx, 2004, p. 106-7, grifos do autor).

Daqui tem-se então que "*toda a assim denominada história mundial* nada mais é do que o engendramento do homem mediante o trabalho humano, enquanto o vir a ser da natureza para o homem," (Marx, 2004, p. 114, grifos do autor).

O trabalho é origem e continuidade, início e história, fundação e complexificação dos seres humanos e de sua humanidade (em seu aspecto genérico e particular, como característica humana de cada ser humano e como totalidade dos seres humanos vivendo conjuntamente).

Quando, então, Marx afirma que "o homem *rico* é simultaneamente o homem *carente* de uma totalidade da manifestação humana de vida. O homem, no qual a sua efetivação própria existe como necessidade (*Notwendigkeit*) interior, como *falta* (*Not*)" (Marx, 2004, p. 112-3, grifos do autor), ou quando trata do trabalho como "primeira necessidade vital" (Marx, 2012, p. 31), está a afirmar que a *vida* humana, ou a *humanidade* de uma vida, que se realizam em comunidade com outros seres humanos é a maior riqueza humana, exatamente aquilo que se constitui como *falta*[15].

Deste modo, quando a vida humana permite "sentir ao homem a maior riqueza, o *outro* homem como necessidade" (Marx, 2004, p. 113, grifo do autor) e, neste outro ser humano está contida a humanidade inteira, pode-se melhor compreender algumas das razões pelas quais o ser humano apenas pode sobreviver *humanamente* no interior e por meio de seu trabalho e, por conseguinte, em sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não apenas tratou Marx das problemáticas da subjetividade e da individualidade humanas – e também de muitas outras que o acusam de nunca ter abordado. Tratou-as de forma detida, profunda e fecunda e em uma série de obras.

Isso significa que sua obra é completa, absoluta e inequívoca? De forma alguma! Debates são, inclusive, necessários para que as ciências diversas recalibrem, reavaliem, ou

[15] 'Falta' aqui deve ser entendida em seu sentido positivo, de busca por completude, de pulsão, de paixão *humana*, na medida em que "a dominação da essência objetiva em mim, a irrupção sensível da minha atividade essencial é a *paixão*, que com isto se torna a *atividade* da minha essência" (Marx, 2004, p. 113, grifos do autor) e "a paixão (*Leidenschaft, Passion*) é a força humana essencial que caminha energicamente em direção ao seu objeto" (Marx, 2004, p. 128).

mesmo abandonem suas formulações em prol de outras melhor desenvolvidas. Debates são fundamentais. Mas não aqueles falaciosos, novidadeiros ou vendilhões, até mesmo arrivistas. O que se deseja são debates que façam o marxismo – e nele uma camada vez mais fina da obra marxiana – avançar. Em assim não sendo, "ignora das gentes os comentos" (Alighieri, 2024, p. 38).

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia**. São Paulo: Editora 34, 2024.

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaios de afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2025.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Madamu, 2022.

ARISTÓTELES. **Política**: edição bilingue. Lisboa: Vega, 1998.

ENGELS, F. **A dialética da natureza**. São Paulo: Boitempo, 2023.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2022.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KRADER, L. (Ed.). **The ethnological notebooks of Karl Marx**: studies of Morgan, Phear, Maine, Lubbock. Assen: Van Gorcum, 1974.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, vol. II, 2023.

MARX, K. **Cadernos de Paris & Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, K. **Capitalismo e colonização**: extratos e notas: Londres, 1851. Florianópolis: EDUFSC, 2025.

MARX, K. **Capítulo VI (inédito)**: manuscritos de 1863-1867, O capital, Livro I: incluía Enquete operária. São Paulo: Boitempo, 2022.

MARX, K. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. **Miséria da filosofia**: resposta à Filosofia da miséria do Sr. Proudhon. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, Livro I, 2013.

MARX, K. **Ökonomisch-philosophische Manuskripte**. Hamburg: Verlag, 2025.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**: manuscrito de 1861-1863 (cadernos I a V): terceiro capítulo – o capital em geral. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845 – 1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K; ENGELS, F. **A guerra civil nos Estados Unidos**. São Paulo: Boitempo, 2022.

MARX, K; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2023.

MÉSZÁROS, I. **Teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2022.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

SAVIANI, D. A importância da ciência no processo de ensino escolar: implicações para o enfrentamento da questão ecológica na Amazônia. In: **Revista Exitus**, Santarém, v. 15, n. 1, p. e025046, 2025. Disponível em: https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/2947. Acesso em: 2 set. 2026.

SANFELICE, J. L. A ciência da história e a história da educação. In: **Revista Exitus**, Santarém, v. 6, n. 1, p. 151–159, 2016. Disponível em: https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/45/45. Acesso em: 2 set. 2026.

SOLANAS, M. B. **Las trampas de Circe**: falacias lógicas y argumentación informal. Madrid: Cátedra, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**: texto integral, traduzido do russo. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALTON, D. N. **Lógica informal**: manual de argumentação crítica. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Histórico Editorial
Submetido: 16 de junho de 2026.
Publicado: 19 de novembro de 2026.

Minicurrículo

Caio Antunes
Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Cursando Bacharelado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Mestre (2010) e Doutor (2016) em Filosofia da Educação pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Educação PAIDÉIA, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-Goiás. Tem experiência nas áreas de Fundamentos da Educação, mais especificamente em Trabalho e Educação e Filosofia da Educação. Atua nos seguintes temas: Trabalho, Educação e Teoria Social e Filosofia, Teoria do Valor e Formação Humana.
Doutor pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Ensino Superior na Universidade Federal de Goiás (UFG)
Grupo de Estudos Capital e Teoria do Valor
Contribuição de autoria: Conceitualização; Pesquisas; Investigação; Visualização; Redação do manuscrito original; Administração do projeto.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9208958316550777.

COMO REFERENCIAR – ABNT
ANTUNES, C. 'Marx não dá conta da subjetividade': subjetividade e sociedade na obra marxiana. **Revista Exitus,** Santarém/PA, e026048, V. 16, n.1., 2026. https://doi.org/10.24065/re.v16i1.3126

COMO REFERENCIAR – APA
ANTUNES, C. (2026). 'Marx não dá conta da subjetividade': subjetividade e sociedade na obra marxiana. *Revista Exitus, 16*, e026048. https://doi.org/10.24065/re.v16i1.3126

Licença de Uso
Licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista.